

SUMÁRIO

INSUBMISSO EDGARD___5

CINEMÊRO AVUADÔ___6

EDGARD NAVARRO – CINEMA NA CONTRACORRENTE___14

- - -

FILMES___16

CURTAS METRAGENS___17

Alice no País das Mil Novilhas___18

O Rei do Cagaço___20

Exposed___21

Lin e Katazan (1979)___22

Lin e Katazan (1986)___23

Na Bahia Ninguém Fica Em Pé___24

Porta de fogo___25

MÉDIA METRAGEM___27

SuperOutro___28

LONGAS METRAGENS___31

Talento Demais___32

Eu Me Lembro___34

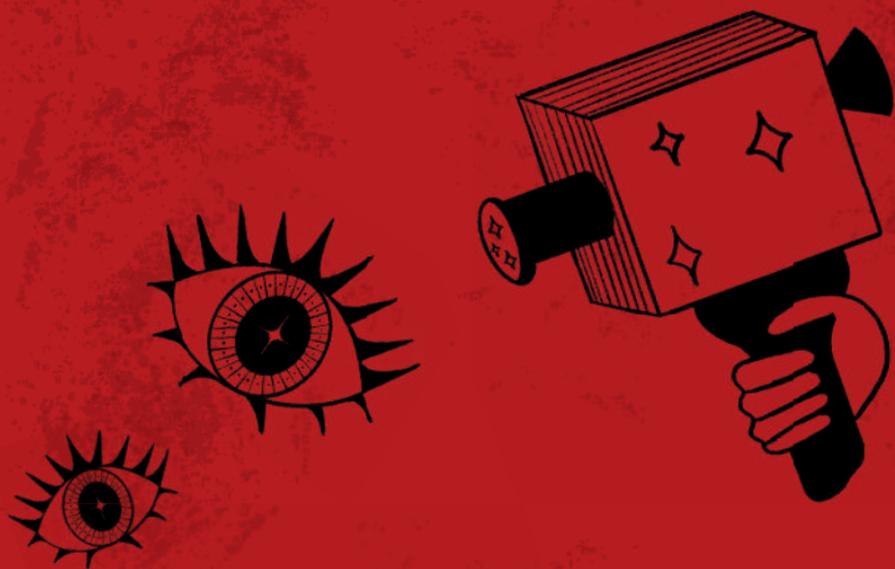
O Homem Que Não Dormia___36

Abaixo a Gravidade___38

Edgard Navarro___41

- - -

PROGRAMAÇÃO___43



INSUBMISSO EDGARD

As relações entre a imagem cinematográfica e as audiências preveem posições instáveis: se por um lado demandas mercadológicas podem aproximar a obra fílmica de padrões narrativos hegemônicos, incluindo anúncios publicitários que vemos nas redes sociais, por outro, ela permite a imersão em visualidades oníricas, ou mesmo delirantes. Nesses casos, mais do que se tratar de um duplo da realidade, ou um meio para um determinado fim, o cinema é uma construção que pode elaborar dimensões íntimas, ampliando-as.

No âmbito brasileiro, a obra de Edgard Navarro propõe jogos entre o visível e o invisível, entre a palavra dita e a imagem posta, de tal maneira que ambos configuram uma força equivalente na articulação de um imaginário alucinante. Em seu trabalho, empreendido fora do eixo sudestino, as influências da contracultura e da tropicália se traduzem na apropriação de signos pop, na postura provocadora, que não economiza em jogos de palavra afiados, bem como na energia da fabulação brasileira desse “cinemêro avuadô” — termo que o próprio diretor baiano elaborou para se definir.

Ao propor a mostra Edgard Navarro: Cinemêro Avuadô, o Sesc busca aproximar os públicos de uma obra fílmica que, para além de suas qualidades intrínsecas enquanto linguagem, ganha um sentido ainda mais intenso quando contextualizada na cultura visual contemporânea e seus condicionantes algorítmicos. Oportunizar ângulos de visão experimentais e questionadores em relação ao mundo e suas construções simbólicas representa um gesto fundamental para processos de aprendizagem característicos às artes e suas expressões insubmissas.

CINEMÊRO AVUADÔ

Eu já flertava com as artes desde criança: tocava piano e acordeon, recitava e escrevia poemas, contos e canções chicaetanas premiadas em festivais universitários. E agora temia por não saber o que fazer com aquele diploma. Cedo me assolou o medo de ter que trabalhar duro com a coleira no pescoço e a juventude perdida... precisava fazer tudo pra estar livre e poder trabalhar de verdade. Mas as sinas não são traçadas antes da gente nascer... ou são?

Esoterismo, magia, tarô, astrologia, os alquimistas estavam chegando. Pra mim a marijuana foi um marco decisivo, um divisor de águas, uma das experiências mais radicais de minha juventude. Mas a neurose e o surto de pânico haviam chegado antes... Comigo a cannabis agia de maneira curiosa, acirrando a paranoia e a agonia pra depois abrandar todo inferno em bênção. Só depois fui entender que aquilo foi apenas uma espécie de alforria extemporânea que pensei servir de salvo-conduto pra qualquer loucura que viesse a cometer. Iludido, apaixonado, em nome daquela pretensa liberdade de espírito embarquei numa estrela inventada, virei trapezista de um circo quase voador...

Era 1974. Ioga, macrobiótica, espiritismo, candomblé... valia tudo. Cego de amor e de horror, eu contava com a sorte, mesmo de cara pro abismo - essa goela insaciável que não cansa de devorar almas e fantasias vãs. O Teatro foi trapézio pra meu salto imortal sem rede, pois já me sentia perdido (e o jogo mal havia começado).

A bruxa não tira seu prazer da desgraça humana? Don Juan dizia que sim, que esse era o alimento da Águia. O fato é que vim dar por mim no meio dos fantasmas ao final de "Viagem a Ixtlan". E passei a cavalgar metáforas descabidas, maravilhosas, encantadoras, aliciantes... que acenavam com um paraíso psicodélico perigosamente delicioso. E lá fui - Alice - ao enalço de Carrol, acreditando-me revestido com a picardia do Quixote e as armas de Jorge, fito de comer cogumelos mágicos brotados do estrume das vacas da Fazenda Modelo de Chico, ao som de Pink Floyd...

Mas o vento deu naquela porta do casebre, que deu na mesa em que se encontrava o copo do liquidificador com suco de laranja aos cogumelos. Seria uma proteção das forças da natureza? Não sei. Mas o sinal dos deuses foi inequívoco: eu não podia e pronto! O paraíso aquele estava interditado pra mim. E assim foi, depois, com o LSD e a ayahuasca.

1976-78. No intuito de resolver meu próprio teorema através da arte, trouxe alguns dos traumas catalogados por Freud pra dentro dos primeiros curtas que realizei em superoito - frutos podres que nem os de Caim.

Rebelde sem calça. Sob os auspícios da Jornada de Cinema, realizei os filmes e gestos mais ousados de minha vida. Mais que destemidos, foram gestos temerários, incluindo um strip-tease público - Exposed -, em meio a um debate, fato que reputo como se fosse um suicídio social, uma decretação sumária de quem estava disposto a desistir de tudo em troca da chave dos mistérios. Mas logo iria descobrir que não se obtinha a tal chave num passe de mágica. Já havia tempo que Gil deixara seu recado: "Não custa nada, só lhe custa a vida."

Na Jornada havia conhecido aqueles que pouco depois viriam a ser meus companheiros de travessia: no final do ano seguinte nasceu a Lumbra – a mais louca travessura cinematográfica na Bahia daquele momento. Juntos realizamos muitos filmes de curta e média metragens, revezando-nos em funções diversas da equipe técnica.

Ainda eram os anos de chumbo e inventávamos o mundo paralelo que nos convinha. Eu inventei Porta de Fogo, curta sobre o assassinato de Lamarca no sertão da Bahia. Aduzindo à morte do guerrilheiro uma metáfora de transcendência, aquele seria o filme politicamente mais engajado que realizei.

Mas o que eu gostava mesmo era de chalaças e de hipérboles, de considerações alienígenas estapafúrdias sobre aquilo que simplesmente desconhecia. Num mundo cheio de razão, todo o poder aos insensatos!

Quem via assim pensava que eu era o Chapeleiro Maluco, ou um chincheiro esperto, descolado e tudo mais... Que nada! Eu meio que vendia essa imagem, estratégia inconsciente pra circular

entre os verdadeiros lobões. Na verdade, sempre fui um tigre de papel, despreparado pra as astúcias do mundo – rei do cagaço... Aprendia na real que as uvas estão verdes mas é pra a raposa que não consegue alcançá-las.

Arara me consolava, que eu não era qui-quizofrênico porra “ninhuma”, que eu havia ficado assim porque quando bebê tinha caído dentro do caldeirão da poção mágica, como o personagem de Obelix. E o superpoder que adquiri foi o “barato” da cannabis, ou seja, eu não precisava fumar pra ficar doidão, sacou?

Era a Lumbra: encontro de jovens cinemêros - sonhadores, cheios de “vontade de poder” - Fernando Belens, Pola Ribeiro, Araripe e eu - Lumbra 4 ever.

A partir do Zaratustra de Nietzsche comecei a engendrar o próximo filme - “Superoutro” - um paralelo entre o superman do cinema americano e um pária sem nome das ruas de Salvador, assediado pela miséria e pela loucura. Pretendia que o filme desse conta de aspectos distintos do personagem - psicológico, filosófico, político - ao evidenciar sua precariedade face àquele super-herói invencível, virtuoso, higiênico, representante da ordem hegemônica de um povo de índole imperialista. Através da fusão das palavras “super” e “outro” fui encontrar um neologismo que, pela semelhança de sonoridades, iria contemplar o superoito - despojada e aguerrida bitola, bem assim um cinema sem grandes recursos ou truques - no nobre mister de enfrentar sem rodeios o dragão.

No livro “O Discurso Esquizofrênico”, do antipsiquiatra David Cooper, aprendi que a esquizofrenia devia ser entendida como uma partição do ser, em que a parte que representa o sonho, a fantasia, separa-se da parte que refere ao mundo real, configurando o que o autor chama de “split”. Ali acredito ter encontrado a chave para o desfecho do filme, cujo “split” se dá no momento em que o policial bate com um cassetete na cabeça do personagem central e este desmaia./ .. Eureka! Ali consubstancia-se a ideia de que o outro é “super” e o voo pode ser cumprido sem que o corpo físico tenha que ser sacrificado.

Quando volta a si, nosso herói se encontra duplicado - o corpo sólido (o pária de rua) e o corpo etéreo (a fantasia) ocupam agora espaços distintos: um é aprisionado pelos policiais,



que certamente irão levá-lo de volta ao manicômio; o outro encontra-se livre para empreender sobre a cidade amada seu voo redentor– patriótico, absurdo, terminal.

Aqui quero abrir um parêntese pra citar meu amigo João Velho, cineasta e montador que contribuiu decisivamente pra uma nova concepção da cena final: quando contei sobre o filme que iria rodar, ele me sugeriu que trabalhasse na ideia de fazer o personagem voar sem ter que morrer, o que me pareceu muito melhor do que o que eu havia concebido originalmente.

2018. A viagem da canabis se encerrou quando certo dia a esquizofrenia mais uma vez em mim manifestada exigiu que eu fosse imediatamente pra a África... nadando. Mas isso é tabu! Espere! Eu não posso falar sobre isso como se fosse coisa ordinária. Já fui alertado de que não devo voltar outra vez despercebido àquele espaço sagrado. Da última vez foi tão sério que resolvi nunca mais desrespeitar o aviso. É que houve uma tentativa frustrada de outro amigo e... Enfim, é tabu! Não posso falar! Mas consta nas bulas dos tarjas pretas, entre os efeitos colaterais sobre fantasias suicidas. E o que é que o personagem de Superoutro é senão um cabra suicida que inventa fantasias pra mascarar sua verdadeira intenção!? Lembra-se que antes de empreender o voo final, entre outras temeridades, ele havia se agarrado a um motoqueiro em velocidade? Afinal, trata-se de uma tragicomédia!

Se passei tantos anos insistindo com a canabis foi porque, inspirada em Castañeda e Don Juan, uma voz interior me dizia que se eu quisesse ser um homem de verdade teria que enfrentar meus demônios. Pense num coquetel eclético (e indigesto)... pois foi o dos que me acudiram na travessia: Freud, Jung, Dali, Artaud, Dostoievski, Nietzsche, Eça de Queiroz, Lobsang Rampa, Kardec, o apocalipse de São João... E Pessoa, Machado, Jorge, Borges, Paulo Coelho... e Godard, Glauber, Buñuel, Pasolini, Fellini, Kurosawa, Herzog, Woody Allen, Meteorango, Belens, Wim Wenders...



Elipse de 10 anos. Ultimamente não tenho lido quase nada, e não é apenas por causa da perda da visão do olho esquerdo e da catarata no direito. Essa perda de interesse pelo mundo e sua nova configuração se deve em parte à perda de interesse do mundo por mim. Plantei e cultivei minha horta por muitos anos e acho que é legítimo o anseio de que minhas alfaces e couves, cenouras e beterrabas sejam vendidas e apreciadas pelo maior número de pessoas possível... Mas o fracasso de minha horta na feira foi retumbante, bilheterias pífiyas para os 3 longas. O fracasso só não foi maior do que o sucesso de crítica e as premiações. Mas não demorou e até os festivais passaram a me escalar pra uma janela secundária. Joguei a toalha e aceitei a recusa de meus frutos: no meu entender paranoide é porque tais frutos eram mesmo podres, que nem os de Caim.

Por outro lado, o mundo das curadorias tem uma lógica própria que eu não alcanço. Aliás, desde o início havia decidido não pautar meu trabalho por aquilo que o mercado estivesse ditando. Sei que pode ser tolice não querer fazer concessões, ou ter a arte como sacerdócio – veleidades! Mas: sabe aquele momento que não admite recuo, sob pena de se perder tudo o que se construiu até então (e falo em termos da “salvação de um cabra na Terra”, como dizia Bispo do Rosário).

Eu poderia negacear, fazer que não era comigo, desviar do golpe ou inventar novas reflexões: Twenty Century Fox? Pois: eu sou uma raposa do século 21. E os tapetes estão verdes. Ou podia acusar o sistema de distribuição, etc. Tudo lero. O que há é que envelheci, os tempos são outros, são outras as palavras: Third Millennium Streamings & Fox - Fuck me & Fuck you.

Estava eu lutando contra inimigos invisíveis pra escrever o presente texto, em ferrenho, quixotesco pugilato, quando Araripe, meu antigo companheiro da Lumbra, me liga: “Você tem que comprar um piano, Navarrinho.”

- O piano pode esperar, Ará. Agora tô trabalhando no texto do catálogo pra uma mostra retrospectiva de meus filmes em Piracicaba.

Cerca de três meses antes, estava eu prostrado, em plena crise de ansiedade e depressão, atravessado por uma agonia psíquica e moral inconcebível pra quem está de fora, quando recebi um telefonema do gestor cultural do Sesc Piracicaba. Ele me convidava pra fazer uma mostra retrospectiva de meus filmes. Eu disse “Não! Estou muito doente.” Ele retrucou que a mostra podia me fazer bem, Piracicaba ia me fazer bem... Nada! Continuei dizendo “Não, você não sabe do que eu estou falando. É não!”. Até que uma droga alopática com nome de bomba (BUP-XL) respondeu, me dando os primeiros sinais de fumaça que queriam dizer “Sim, mano véi, você está melhorando.” Incontinenti mandei um zapp dizendo “Vamo lá, Chico, vamo fazer a mostra. Eu topo.”

E aqui estou, em recuperação, rezando pra que crises como aquela, recorrentes em minha vida... torcendo pra que crises como aquela não voltem nunca mais.

Lauro de Freitas, 28 de junho de 1978. Ops! 2024.

P.S.: Descobri tardiamente que não sou cineasta. Sou cinemêro.

Parafraseando Manoel de Barros: “Para limpar das palavras alguma solenidade – uso bosta. Sou muito higiênico.”

Edgard Navarro



EDGARD NAVARRO – CINEMA NA CONTRACORRENTE

É com grande entusiasmo que o SESC Piracicaba recebe a Mostra de Filmes do cineasta baiano Edgard Navarro, um nome singular no panorama cinematográfico brasileiro. Esta mostra celebra a ousadia e a inventividade de Navarro, destacando suas obras que atravessam décadas e dialogam com importantes momentos históricos e culturais do Brasil, entre eles, com o próprio Tropicalismo.

Edgard Navarro iniciou sua trajetória cinematográfica no formato Super-8, um meio que permitiu a muitos cineastas da época uma liberdade criativa inigualável, especialmente em um período de repressão e censura sob o regime militar brasileiro. Sua obra se alinha com o movimento do cinema de invenção, termo cunhado pelo crítico e cineasta Jairo Ferreira, que propunha uma ruptura com as narrativas tradicionais e uma busca incessante pela originalidade e experimentação.

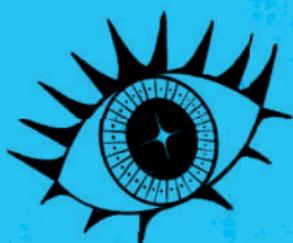
Um dos pontos altos desta mostra é a exibição do emblemático filme “SuperOutro” (uma homenagem ao Super-8?), que conta com a atuação marcante de Bertrand Duarte. Este filme, “descoberto” e “revelado” para o público paulista, e brasileiro, nos anos 90, pelo cineasta Carlos Reichenbach, é um exemplo claro do estilo de Navarro: anárquico, escatológico, e profundamente crítico. A produção fora do eixo Rio-São Paulo conferiu a seus filmes um caráter único, distinto da grande maioria das produções nacionais da época. Navarro soube explorar a riqueza cultural da Bahia, traduzindo-a em uma linguagem cinematográfica visceral e autêntica.

A irreverência de Navarro, comparável à de cineastas como Fellini, é evidente em toda a sua filmografia, incluindo o longa-metragem “Eu Me Lembro”, que já no próprio título evidencia a influência do mestre italiano de “Amarcord”. Sua abordagem muitas vezes escatológica e anárquica não só desafiou os limites do aceitável, como também refletiu a liberdade de criação que ele sempre defendeu. Essa liberdade, contudo, veio com um alto preço: dificuldades de financiamento e uma produção escassa e quase bissexta. A resistência de Navarro em seguir os moldes comerciais e burgueses do cinema brasileiro fez com que sua obra fosse, em muitos momentos, obscura e isolada do grande público.

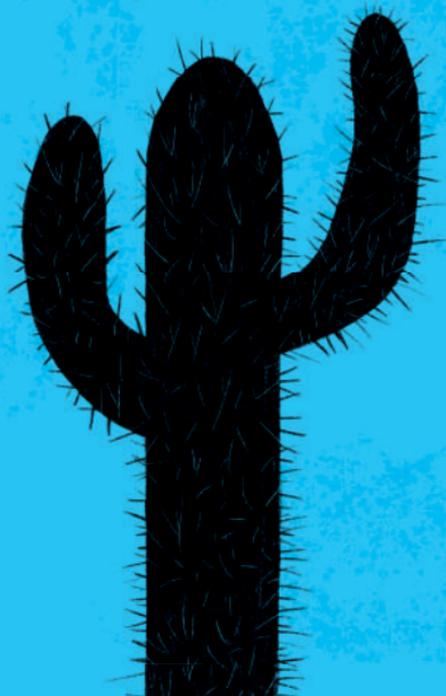
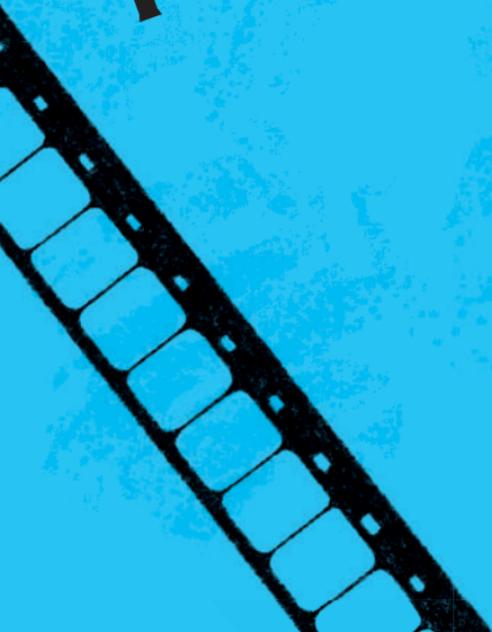
A trajetória de Navarro também é marcada pela relação delicada com a Embrafilme, instituição que teve um papel crucial no financiamento de filmes no Brasil. Apesar das dificuldades de conseguir recursos para produzir seus filmes, suas obras se tornaram símbolos de resistência e liberdade artística.

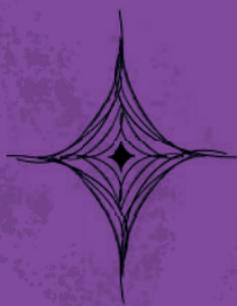
O legado de Edgard Navarro será inestimável. Sua contribuição ao cinema brasileiro não se limita à inovação estética, mas também à coragem de expressar uma visão única e desafiadora do mundo. Navarro deixa um corpo de trabalho que continua a inspirar cineastas e amantes do cinema, principalmente das novas gerações, lembrando-nos da importância da autenticidade e da ousadia em um mundo cada vez mais homogêneo.

**Paolo Gregori,
cineasta, pesquisador e curador**

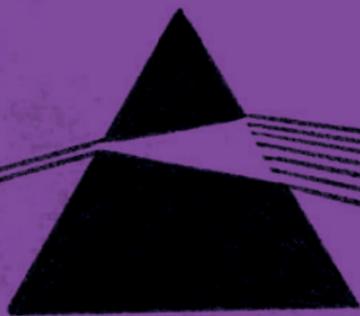


FILMES





CURTAS METRAGENS



ALICE NO PAÍS DAS MIL NOVIHAS

BRA, 1976, super 8mm, 18'45"

Sinopse

Inspirado no clássico infantil de Lewis Carroll e na novela pecuária Fazenda Modelo (Chico Buarque), o filme acerca-se daquele universo mágico de lagartas, novilhas e cogumelos, à luz das motivações inconscientes do próprio realizador, para ilustrar a experiência alucinógena que se difundira na década de 1970. Entremeada com fantasias e devaneios, a narrativa denota a atitude consciente de recusa e alienação que caracterizou certo segmento das artes diante da opressão imposta naquele período pela ditadura militar. Representa a fase oral numa trilogia freudiana descoberta a posteriori, composta pelos primeiros trabalhos do realizador.

Premiação/ Trajetória

Terceiro Melhor Filme no Festival Super-8 de Aracaju/ 1977. Em 2001, o filme foi selecionado, juntamente com os demais filmes em Super-8 do realizador, para integrar a mostra itinerante Marginália 702.

Ficha Técnica

Argumento, roteiro, montagem e direção Edgard Navarro **Elenco** Noel, Adrô, Márcio Meireles, Flôrizza, Kal, Dorinha West, Leão, Migs, Ana, Ajax, pai (de Edgard Navarro), Isnaia, Ricardo e Cristiane



2 Patrocinada pelo Itaú Cultural, a Mostra Itinerante Marginália 70 reuniu filmes representativos da produção experimental superoitista brasileira na década de 1970, sob a curadoria de Rubens Machado Jr., professor da ECA-USP. A mostra foi exibida em muitas cidades do Brasil, bem assim em algumas cidades pelo mundo - Paris, México, Buenos Aires. Essa mostra revelou uma filmografia invisível desde os anos 70-80, quando também circulou pouco, dadas as dificuldades impostas pelo status quo na ditadura civil-militar, como a censura e os mecanismos de produção da indústria cultural no país. E que continua até hoje invisibilizada pela história oficial do nosso cinema e meios audiovisuais brasileiros.



O REI DO CAGAÇO

BRA, 1977, super 8mm, 8'44"

Sinopse

Através de uma sintaxe truncada, misturando material procedente do inconsciente urbano ao de seu próprio inconsciente, o realizador traça um caótico painel da cidade, no qual um portador de curiosa perversão se empenha em “conspurar os mais caros monumentos de nossa cultura, tradição e moral, numa atitude tipicamente iconoclasta, doentia e - por que não dizer? - criminoso”. No rádio circula a notícia de que as autoridades competentes mobilizaram seus efetivos, mas ainda não conseguiram localizar o “Rei” que, para além dos limites do filme, irá continuar sua cruzada inusitada no afã de cumprir seu escatológico destino. É o filme anal da trilogia.

Premiação/ Trajetória

Melhor Filme de Ficção - Festival Super-8 de Recife/ 1977. Exibido no Panorama Coisa de Cinema, Bahia/ 2003 (Hors Concours). Exibido no Festival de Cinema de Santa Maria da Feira, Portugal/ 2006 (Hors Concours). Exibido na Mostra do Filme Livre, Rio/ 2012 (Hors Concours). Festival Super-8 de Curitiba– (homenagem ao realizador)/ 2018.

Ficha Técnica

Argumento, roteiro, montagem e direção Edgard Navarro **Elenco/**

Participações Jorge Vital, Glória, Roberto, Oremba, Flôrizza, Paulo Barata, Fernando Noy, Edu, Ricardo, Edgard, Balio e Gilson



EXPOSED

BRA, 1978, Super-8mm, 6'56''

Sinopse

Através de uma abordagem esconsa, o filme introduz o tema do poder - bélico, econômico, político - associado à potência sexual. Eis o postulado a ser demonstrado: só quem não se sente bastante seguro em relação ao poder que exerce, necessita ostentar sinais exteriores do mesmo. Sendo um símbolo fálico óbvio, o canhão em riste no meio das praças - tão em voga na década de 1970 - estaria denotando um exibicionismo patológico, vale dizer, uma profunda insegurança dos militares em relação ao poder que exerciam. É o filme fálico da trilogia.

Premiação/ Trajetória

Terceiro Melhor Filme - Jornada de Cinema da Bahia/ 1978.

Ficha Técnica

BRA, 1978, super 8mm, 6'56'' **Argumento, roteiro, montagem e direção** Edgard Navarro **Participações** Maristela, Hugo, Flôriz e Eliete



LIN E KATAZAN

BRA, 1979, Super-8mm, 6'03''

Sinopse

Baseado na novela pecuária Fazenda modelo, de Chico Buarque, o filme aborda a relação entre um operário da construção civil e o capataz da obra. Lin é manso, crédulo, ingênuo; o outro é belicoso, desconfiado, mesquinho. Ironicamente, a atitude passiva de Lin vai suscitar uma tensão crescente em seu gratuito rival, agravada pelo convívio compulsório diário entre ambos. Tais componentes explosivos desencadeiam um delírio persecutório no capataz, conduzindo a ação para um desfecho trágico.

Premiação/ Trajetória

Melhor Filme - Festival Super 8 de Recife/ 1979. Melhor Filme - Festival Super 8 de Aracaju/ 1980. Festival Super-8 de Curitiba- (homenagem ao realizador)/ 2018.

Ficha Técnica

Argumento, roteiro, montagem e direção Edgard Navarro **Elenco** Paulo Barata e Alberto Leão **Música** Smetak **Produção** Anasoh

LIN E KATAZAN

BRA, 1986, 35mm, 8'

Síntese

Trata-se de “remake” do filme realizado em 1979 na bitola Super 8mm, baseado em texto de Chico Buarque de Holanda.

Premiação/ Trajetória

Prêmio Delart - Rio Cine Festival/ 1986. Melhor Filme, Melhor Montagem e Melhor Ator - Festival de Brasília do Cinema Brasileiro/ 1986.

Ficha Técnica

Argumento roteiro e direção Edgard Navarro **Elenco** Inaldo Santana e Fernando Fulco **Roteiro, produção, montagem e direção** Edgard Navarro **Direção de fotografia** Vito Diniz **Assistente de produção** Celso Aguiar **Assistente de montagem** Pola Ribeiro **Técnico de som** Gilmar Fraga **Still/ apoio técnico** Ailton Sampaio **Gravação adicional de música** Robinson Roberto **Transcrição de magnético** Climério Novais **Mixagem** Roberto Leite **Estúdio de som** Nel Som **Letreiros/ abertura** José Araripe Jr. **Filmagem dos letreiros** Chico Liberato **Apoio cultural** Embrafilme e Fundação Cultural do Estado da Bahia



NA BAHIA NINGUÉM FICA EM PÉ

BRA, 1980, Super-8mm, 24'

Sinopse

Reflexão desenvolvida coletivamente em documentário bem-humorado e irreverente sobre as mazelas do cinema baiano na virada daquela década. O título alude a uma brincadeira infantil em que cada um dos participantes se empenhava em não deixar que os outros ficassem em pé.

Premiação/ Trajetória

Menção Honrosa - Jornada de Cinema da Bahia/ 1980. Festival Super-8 de Curitiba- (homenagem ao realizador)/ 2018. O filme integra a coleção Bahia, 100 anos de Cinema, editada pela Secult/ Ba em parceria com a Cinemateca Brasileira.

Ficha Técnica

Direção (coletiva) Pola Ribeiro, Araripe Jr. e Edgard Navarro **Montagem** Edgard Navarro



PORTA DE FOGO

BRA, 1984, 35mm, 21'22"

Sinopse

O filme trata da morte trágica do capitão-guerrilheiro Carlos Lamarca e de seu companheiro Zequinha, no sertão da Bahia, em setembro de 1971. À luz da literatura de cordel, o filme propõe um encontro fictício entre Lamarca e Lampião, introduzindo uma metáfora de transcendência em que o Capitão Virgulino vem preparar o guerrilheiro para o transe final. Quando o cerco se fecha sobre aquele homem acossado e doente - o tempo detém seu curso, o sol se parte, a terra treme, o visível se nega e uma fenda se abre no céu, entre dois mundos - Porta de Fogo.

Premiação/ Trajetória

Melhor Filme de Ficção - Jornada de Cinema da Bahia/ 1985. Melhor Roteiro e Melhor Curta – Festival de Brasília do Cinema Brasileiro/ 1985. Selecionado para o Festival de Havana, Cuba/ 1985. Melhor Argumento – Jornada de Cinema do Maranhão/ 1989. Exibido no Festival de Cinema de Santa Maria da Feira, Portugal/ 2006 (Hors Concours). Exibido na Mostra do Filme Livre, Rio/ 2012. Exibido ao longo dos anos em diversos eventos concernentes à temática da luta contra a ditadura militar.

Ficha Técnica

Argumento, roteiro e direção Edgard Navarro **Colaboração no texto dramático da cena final** Dinorath do Valle **Inspirado no livro** “O Capitão da Guerrilha”, de Emiliano José e Oldack Miranda **Direção de produção** Barbara Suzarte e Celso Aguiar **Direção de fotografia e câmera** Antônio Carlos de Britto **Técnico de som** Eduardo Ferreira **Montagem** José Umberto **Ass. direção, ass. câmera e still** Henrique Andrade **Mixagem** Nelson Ribeiro **Estúdio de som** Nel Som **Arte final dos letreiros** Robério Soares **Filmagem dos letreiros** Celso Campinho **Elenco/ participações** Edgard Navarro, Celso Aguiar, Ricardo Almeida, (dublado por Bertrand Duarte), Pola Ribeiro, José Araripe Jr., Henrique Andrade, Sargento Maurício, Francisco, Miguel, Vanderlino, Elias, José, Lourival e povo de Pintada **Locação** Pintada e arredores (Ipupiara, Bahia)



**MÉDIA
METRAGEM**





SUPEROUTRO

BRA, 1989, 35mm, 46'

Sinopse

O filme tem como cenário as ruas de Salvador e como personagem central a figura tragicômica de um louco de rua que através de sua imaginação alucinada tenta libertar-se da miséria que o assedia. Apesar dos sucessivos malogros no confronto com uma realidade hostil, nosso herói vai manter-se fiel a sua índole libertária arrojando-se num vôo redentor sobre a cidade amada, em sua derradeira e desesperada fantasia - patriótica, absurda, terminal.

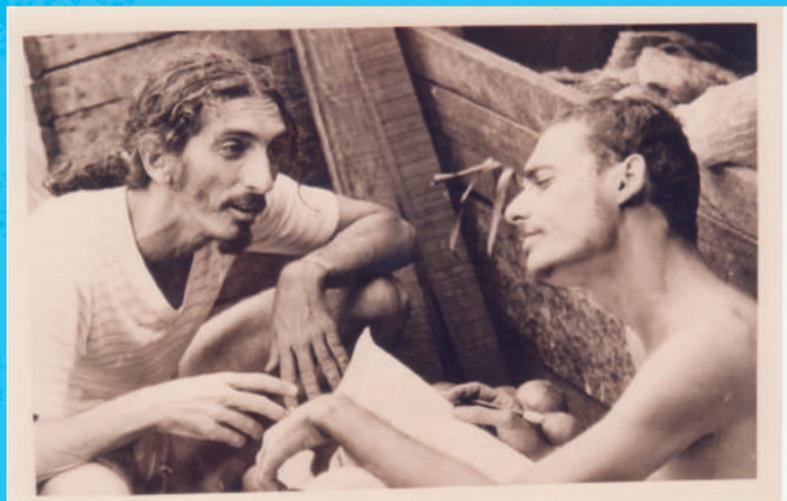
Premiação/ Trajetória

Melhor filme, Melhor direção e Melhor ator - Festival de Gramado/ 1989. Selecionado para os festivais de Havana, Tróia, Nova York e Helsinque. Integrou a mostra "80 CURTAS DOS ANOS 80", coordenada pelo MIS-SP, que reuniu os curtas e médias mais representativos daquela década, por indicação de críticos de todo o Brasil. Festival Internacional de Curtas - SP, 2000 (Hors Concours). Festival do Rio BR-2001 - Mostra Retrospectiva do Cineasta. Panorama Coisa de Cinema, Bahia/ 2003 (Hors Concours) Festival de Cinema de Santa Maria da Feira, Portugal/ 2006 (Hors Concours). CineOP - Mostra de Cinema de Ouro Preto (2016). Exibido na Mostra do Filme Livre, Rio/ 2018 (Hors Concours). CineOP - Mostra de Cinema de Ouro Preto - Homenagem ao Cineasta/ 2019. O filme foi distribuído pela Programadora Brasil/ Ministério da Cultura, em DVD

duplo (fazendo dobradinha com Meteorango Kid, Herói Intergalático). O filme integra também a Coleção Bahia, 100 anos de Cinema, editada pela Secult/ Ba em parceria com a Cinemateca Brasileira. O filme integra a lista dos melhores filmes brasileiros, divulgada em 2015 pela ABRACCINE - Associação Brasileira de Críticos de Cinema.

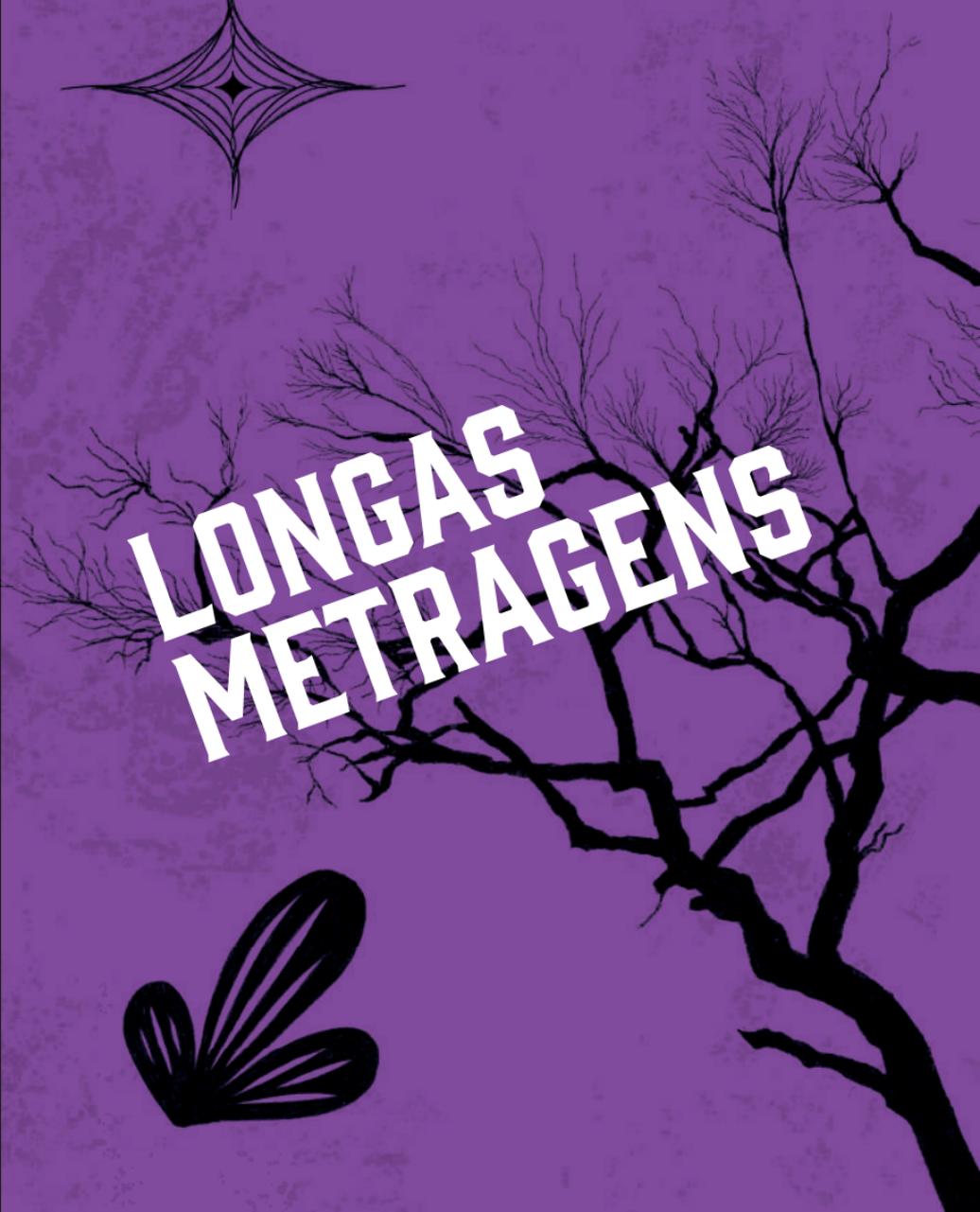
Ficha Técnica

Argumento, roteiro e direção Edgard Navarro **Elenco** Bertrand Duarte, Inaldo Santana, Nilda Spencer, Deolindo Checucci, Fernando Fulco, Kal Santos, Wilson Mello, Frieda Gutmann, Ives Fromand, Edneas Santos, Fafá Pimentel, Jorge Reis, Irema Santos, Edísio Patriota. **Produção** Lumbra Cinematográfica **Direção de fotografia** Lázaro Faria **Direção de produção** Alexandre Barroso **Direção de arte** José Araripe Jr
Classificação etária 14 anos





LONGAS METRAGENS





TALENTO DEMAIS

BRA, 1995, Betacam, 71'53"

Sinopse

Através de um formato híbrido, misto de documentário e ficção, o realizador volta ao tema do cinema baiano com o mesmo tom bem-humorado e irreverente. À guisa de resenha histórica, o filme é cheio de ironias sobre a crise e o desencanto dos cineastas com a produção cinematográfica local à época. Metalinguístico, costura cenas de filmes realizados na Bahia com depoimentos de diversas pessoas ligadas à atividade.

Trajectoria

Exibido pelo Canal Brasil, após seu lançamento em eventos culturais/ 1995. Exibido, dentro de uma mostra de filmes do cineasta, a convite de Adhemar Oliveira no Espaço Unibanco, SP (1996).



Ficha técnica

Argumento, roteiro e direção Edgard Navarro **Elenco** Lula Martins, Aldo Teixeira, Milton Gaúcho, Mário Gusmão e Bertrand Duarte **Assistentes de Direção** Virgílio Neto e João Rodrigo Mattos **Produtor executivo** Moisés Augusto **Diretor de Produção** Chico Drummond **Diretor de fotografia e câmera** Vito Diniz **Técnico de som e assistente de câmera** Rômulo Drummond **Apoio técnico** Adilson Bacelar e Ivanildo Santos Silva **Caracterização** Sandra Leite **Pesquisa adicional** Gildia Serra



EU ME LEMBRO

BRA, 2005, Super-35mm, 108'

Sinopse

Investida poética de inspiração autobiográfica em que o realizador mistura realidade e ficção para traçar um painel de memória coletiva e, na tentativa de compreender a gênese de seus próprios conflitos, termina fornecendo pistas sobre algumas das buscas essenciais de sua geração.

Premiação/ Trajetória

Melhor Filme, Roteiro, Direção, Atriz (Arly Arnaud), Ator Coadjuvante (Fernando Neves), Atriz Coadjuvante (Valderez Freitas Teixeira) e Prêmio da Crítica no Festival de Brasília/ 2005. Festival de Brasília/ 2005. Mostra de Cinema de Tiradentes/ 2006. Melhor Roteiro - Fest Cine Goiânia/ 2006. Selecionado para os Festivais de Montreal (2006) Toulouse (2007), Chicago (2007), Nova York (2007), Milão (2007) e Madri (2008). Exibições em Montpelier e Paris (2007). Festival Guarnicê de Cinema/ 2008 (Hors Concours). Mostra Conquista/ 2007 (Hors Concours). Festival de Cinema Baiano (Feciba)/ 2007 (Hors Concours). Festival Macapá/ 2008 (Hors Concours). Distribuído pela Programadora Brasil, o filme integra também a Coleção Bahia, 100 anos de Cinema, editada pela Secult/ Ba em parceria com a Cinemateca Brasileira



Ficha técnica

Argumento, roteiro e direção Edgard Navarro **Produção** Moisés Augusto e Sylvia Abreu **Direção de produção** Macarra Vianna e Taíssa Crisi **Produção executiva** Moisés Augusto, Diana Gurgel e Tenille Bezerra **Direção de fotografia** Hamilton Oliveira **Operador** Pedro Semanovschi **Técnico de som e som direto** Nicodème de Renesse **Montagem** Edgard Navarro e Jefferson Cysneiros **Direção de arte** Moacyr Gramacho, Júnior Shell **Cenografia e figurinos** Moacyr Gramacho **Música original** Tuzé de Abreu **Elenco** Lucas Valadares, Fernando Neves, Arly Arnaud, Annalu Tavares, Wilson Mello, Rita Assemany, Fernando Fulco, Valdez Freitas Teixeira, Nélia Carvalho, Eva Lima, Caco Monteiro, George Vassilatos, Frieda Gutmann, Fafá Pimentel, Lúcio Tranchesi, Cris Ferreira, Iara Colina, Laila Miranda Garin, Bertho Filho, Ipojucan Dias, Deusi Magalhães, Tânia Tôko, João Miguel, Rita Santana, André Tavares, Ângelo Flávio, Alex Muniz, Ricardo Luedy, Chica Carelli, Edneas Santos, José Carlos N'gão, Zeca de Abreu, Bira Freitas, Milton Gaúcho, Yulo Cezzar, Romário Machado, Merry Batista, Vinicius Nascimento, Gugu Teixeira, Graça Ferreira, Carlos Kêxo, Mariel Regnicoli, Benjamin Thauront, Dantlen Melo, Ingredy Gaspar, Victor Porfirio, William Santos, Lucas Carvalho, Leandro Santos, Elivan Nascimento, Diego Velame, Thierry Gomes, Willian Clímaco, David Novaes e Felipe Gonzalez.



O HOMEM QUE NÃO DORMIA

BRA, 2011, Super 16mm/ Super 35mm, 99'

Sinopse

Alguns habitantes de um lugarejo remoto têm sido acometidos por um mesmo pesadelo. Com a chegada ao lugar de um peregrino de origem misteriosa, os sonhadores serão arrebatados de sua rotina medíocre e lançados no vórtice de um ritual macabro, quando a verdade de cada um deles será trazida à luz, apontando a origem comum de seus conflitos e deflagrando uma ruptura radical em suas vidas. Libertados do jugo perverso do medo e da hipocrisia, eles poderão afinal assumir os seus destinos.

Premiação/ Trajetória

Melhor Ator Coadjuvante - Festival de Brasília/ 2011. Melhor Ator Coadjuvante - Fest Goiânia/ 2011. Prêmio da Crítica para Melhor Direção - Festival Sesc Melhores Filmes/ 2013. Melhor Filme do ano no ranking dos críticos da Folha de São Paulo . Mostra do Filme Livre, Rio/ 2012 (Hors Concours). Mostra Conquista/ 2012 (Hors Concours)



Ficha técnica:

Empresa produtora Truque Produtora de Cinema TV e Vídeo **Produção** Sylvia Abreu e Edgard Navarro **Direção de produção** Taíssa Grisi **Produção executiva** Sylvia Abreu **Companhia distribuidora** Pandora Filmes **Argumento, roteiro e direção** Edgard Navarro **Direção de fotografia** Hamilton Oliveira **Som direto** Nicolas Hallet **Montagem** Cristina Amaral e Pablo Oliveira **Montagem de som** William Lopes e Débora Morbi **Direção de arte** Moacyr Gramacho **Cenografia** Raquel Rocha; Moacyr Gramacho, Luis Parras e Renata Mota **Figurinos** Diana Moreira **Música original** Tuzé de Abreu e André T. **Localização** Chapada Diamantina, Igatú – BA **Elenco/ Participações** Bertrand Duarte, Evelyn Buchegger, Fabio Vidal, Mariana Freire, Ramon Vane, Fernando Neves, Jorge Washigton, Fernando Fulco, Bertho Filho, Nélia Carvalho, Luiz Pepeu, Marinho Gonçalves, Adailson dos Santos, Edneas Santos, Narcival Rubens, Rui Manthur, Psit Mota, Lázaro Machado, Carlos Betão, Zeca de Abreu, Júlio Góes, Inaldo Santana, Lucio Tranchesì, Frieda Gutmann, Marlon Silva, Rodrigo Frota, Paula Carneiro, Rita Carelli, Paulo Tiago, Cauã Leite, Douglas Silva, Zeca de Abreu, Fred Dantas, Adler Paz, Almir Novais, João Taramba, Floripes Leite, Ana Luiza Santos, Albertino Souza, Bruna Azevedo, Rafaela Santos. **Participações especiais** Luiz Paulino dos Santos, Harildo Deda e Edgard Navarro.



ABAIXO A GRAVIDADE

BRA, 2017, Digital 4K, 109'

Sinopse

Bené é um velho de coração obstinado e uma vocação inelutável para o bem. Ele é afeito a coisas simples aprendidas em muitos anos de solidão no campo e encontra-se totalmente integrado à comunidade. Mas a chegada de uma moça grávida vem lhe roubar a paz. Ela se chama Letícia e seu filho nascerá pelas mãos de Bené que, além de possuir outras habilidades, também é parteiro. A trama se complica quando a moça sente saudades e decide ir embora. Quanto a Bené, vai descobrir assustado o sintoma de uma doença que pode ser grave. Ele tem feito progressos com beberagens e rezas, entretanto parece não acreditar que pode curar a si mesmo quando, a pretexto de ir se tratar em Salvador, acompanha Letícia, rendendo-se às setas erráticas de cupido. Em sua primeira visita à moça, Bené leva um golpe certo no coração ao deparar com ela nos braços do namorado. Sai correndo. Armado com as asas da quimera, irá transitar pela fratura exposta da cidade conflagrada - miséria, opulência, sordidez, escombros, loucura... À grosseria circundante ele sempre irá contrapor delicadeza, compaixão e bondade. Desejo de transcender a dor, a tristeza e o espírito de gravidade – o que faz tudo cair - com leveza, alegria, liberdade e humor.



Premiação/ Trajetória

Festival de Brasília/ 2017 – Sessão de Encerramento. Melhor Filme, Prêmio da Crítica – Fest Aruanda 2017. Mostra do Filme Livre, Rio/ 2018 (Hors Concours). Troféu Vila Rica – Homenagem do Festival CineOP Ouro Preto ao cineasta/ 2019

Ficha técnica

Argumento, roteiro e direção Edgard Navarro **Companhia**

produtora Truque Produtora de Cinema, TV e Vídeo Ltda.

Produção Sylvia Abreu e Edgard Navarro **Direção de produção**

Taissa Grisi **Produção executiva** Sylvia Abreu **Direção de**

fotografia Hamilton Oliveira **Direção de som e som direto**

Nicolas Hallet **Montagem** Cristina Amaral **Montagem de**

som Caetano Cotrim e Eric Christani **Direção de arte** Moacyr

Gramacho **Figurinos** Diana Moreira **Locação** Salvador - BA;

Caeté-Açu, Capão – BA **Elenco/ Participações** Everaldo Pontes,

Rita Carelli, Bertrand Duarte, Ramon Vane, Fabio Vidal, Narcival

Rubens, Sérgio Laurentino, Bira Freitas, Carlos Betão, Loi

Andrade, Irema Santos, Caio Rodrigo, Antônio Fábio, Cristiane

Ferreira, Rui Manthur, Jussara Mathias, Cláudia di Moura, Aicha

Marques, Lis Schwabacher, AC Costa, Marinho Gonçalves, José

Carlos N'gão, Frieda Gutmann, Joana Schnitman, Fernando

Neves, Mariana Freire, Rangel Souza, Verton Wallace.



EDGARD NAVARRO

BRA, 2017, 26'1 Dir: Hilton Lacerda

Elenco

Edgard Navarro, Tuzé de Abreu e Moacir Gramacho.

“Edgard Navarro é uma invenção”, diz o cineasta baiano sobre si mesmo. Iconoclasta e anárquico, ele revisita os lugares da infância e as histórias sobre a família, a escolha pelo cinema, as drogas, o processo de criação e sua relação com o mundo. Percorre recantos da cidade, fala de desordem, das misturas de gentes, de suor e cheiro de dendê.







PROGRAMAÇÃO





exibição

Edgard Navarro

Dir: Hilton Lacerda
BRA, 2017, 26'

O Homem Que Não Dormia

BRA, 2011, 99'

Dia 13/ 8, terça, 20h.

Teatro. Grátis. 18 anos.

Retirada de convites
com 1h de antecedência.

exibição

Alice no País das Mil Novilhas

BRA, 1976, 18'45"

Na Bahia Ninguém Fica em Pé

BRA, 1980, 23'57"

Talento demais

BRA, 1995, 71'

Porta de fogo

BRA, 1984, vídeo, 21'

Dia 20/ 8, terça, 20h.

Teatro. Grátis. 18 anos.

Retirada de convites
com 1h de antecedência.

exibição

Exposed

BRA, 1978, 6'56"

Abaixo a Gravidade

BRA, 2017, 109'

Dia 27/ 8, terça, 20h.

Teatro. Grátis. 16 anos.

Retirada de convites
com 1h de antecedência.

exibição

O Rei do Cagaço

BRA, 1977, 8'44"

Lin e Katazan

BRA, 1979, 6'03"

Eu Me Lembro

BRA, 2005, 108'

Dia 3/ 9, terça, 20h.

Teatro. Grátis. 18 anos.

Retirada de convites
com 1h de antecedência.



exibição e bate-papo

SuperOutro

BRA, 1989, 46'

Após a exibição, bate-papo com o diretor Edgard Navarro com mediação do diretor e prof. de cinema Paolo Gregori.

Dia 8/9, domingo, 20h.

Teatro. Grátis. 18 anos.

Retirada de convites com 1h de antecedência.

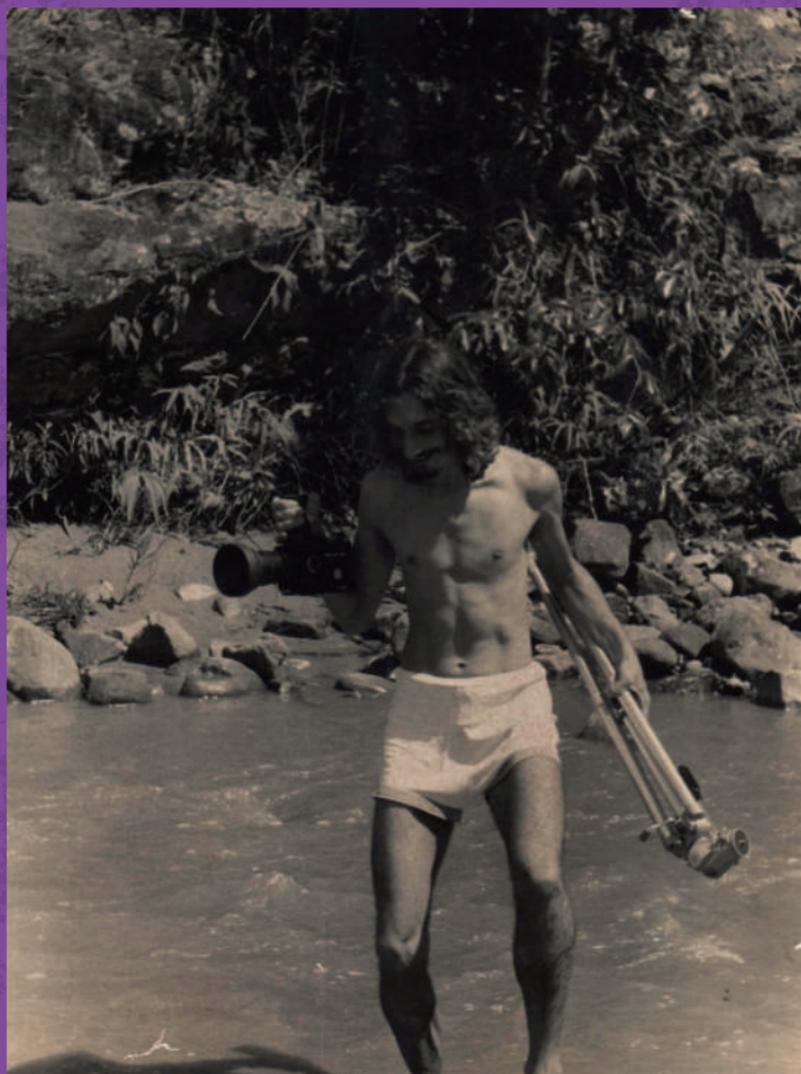
bate-papo

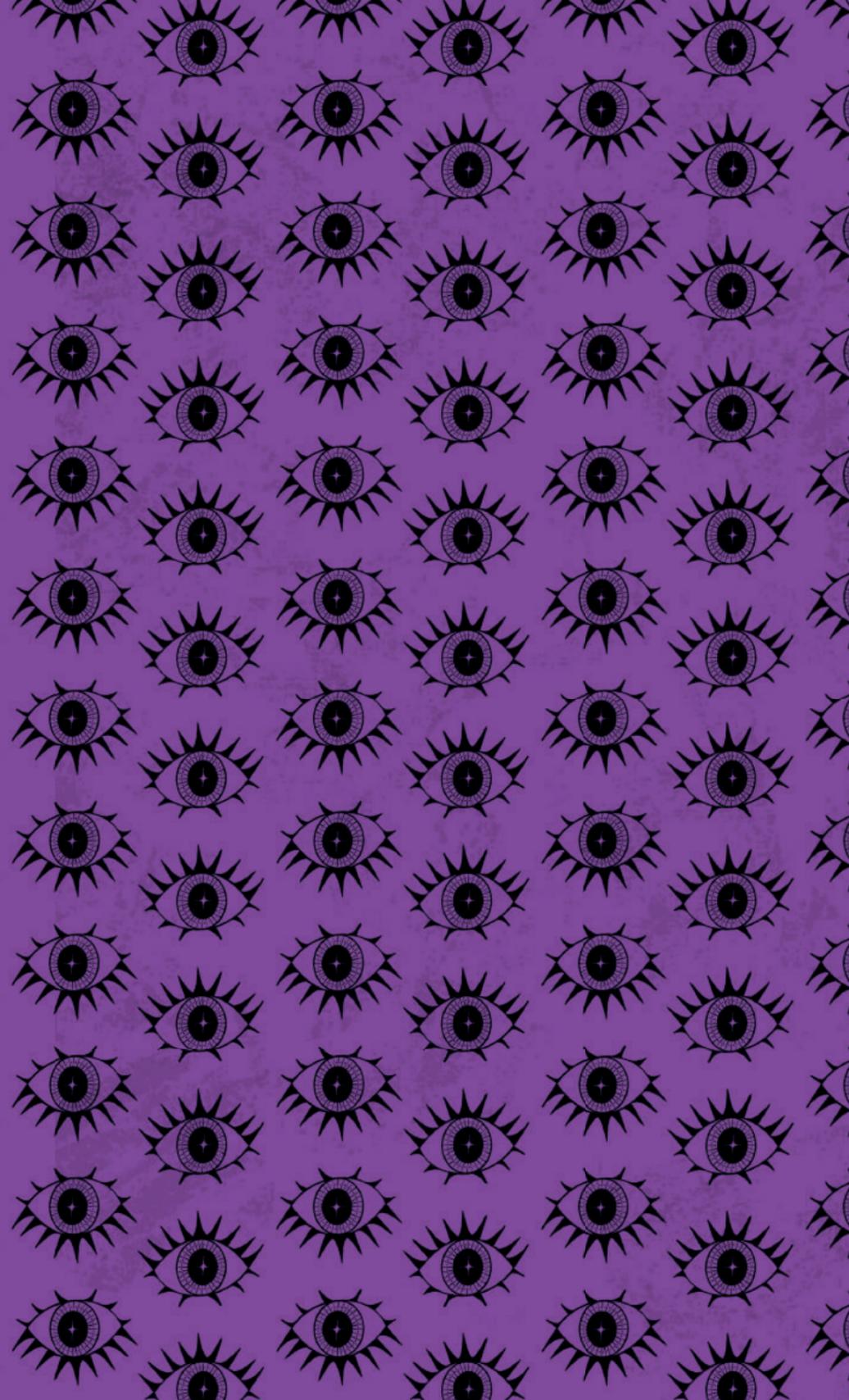
Laboratório Aberto de Audiovisual convida Edgard Navarro

O cineasta baiano, Edgard Navarro, fala sobre sua trajetória no cinema, as dificuldades de filmar no início da carreira e como conseguiu imprimir sua identidade na filmografia do cinema nacional. Mediação do coletivo Cena14

**Dia 10/9, terça,
18h30 às 21h30.**

Espaço de Tecnologias e Artes. Grátis. 16 anos.







faça sua
credencial
sesc



Sesc Piracicaba

R. Ipiranga, 155

CEP 13400-480

Tel.: +55 19 3437 9292

   /sescpiracicaba

sescsp.org.br/piracicaba